



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS,
MATEMÁTICA E LINGUAGENS**

EDEVANIA NOGUEIRA CORDEIRO

**CULTURA NEGRA E ESCOLARIZAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBO
DE CAMPO VERDE**

BELÉM/PA

2022

EDEVANIA NOGUEIRA CORDEIRO

**CULTURA NEGRA E ESCOLARIZAÇÃO NA COMUNIDADE
QUILOMBO DE CAMPO VERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Licenciatura Integrada, Campus Universitário de Belém da Universidade Federal do Pará; como requisito básico obrigatório para obtenção do grau em Licenciatura Integrada em Educação Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edivania Santos Alves

BELÉM/PA

2022

EDEVANIA NOGUEIRA CORDEIRO

**CULTURA NEGRA E ESCOLARIZAÇÃO NA COMUNIDADE
QUILOMBO DE CAMPO VERDE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação Matemática e Científica, Campus Universitário de Belém da Universidade Federal do Pará; como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Data de avaliação: 21/ 12/ 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Edivania Santos Alves
(Orientadora- UFPA)

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias
(Membro Interno- UFPA)

Prof.^a Dr.^a Lilian Pereira
(Membro Interno- UFPA)

À minha doce e amada filha, Kyara, por ser meu coração e meu oxigênio e à minha mãe Maria Raimunda, que sempre me impulsionou a ir atrás de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Aquele que está presente como uma força suprema, Deus, por minha vida, e por em momentos de dor e desespero me fazer renascer todas às vezes, cada vez mais forte.

A minha filha Kyara, por estar comigo desde o início da graduação, desde a vida intrauterina até os dias atuais, por ter sido meu maior motivo para continuar, e que por vezes lidou com minha constante ausência como mãe, para que eu pudesse seguir até o final dessa jornada, você nasceu e eu renasci, seu amor moldou a mulher que sou.

Aos meus pais, Maria Raimunda e Raimundo, por absolutamente tudo, por me darem a vida, pela exemplar criação que tive, por todo amor e esforço que fizeram por mim e por meus sonhos, essa vitória é tanto minha, quanto de vocês.

Ao meu irmão Edson, e minhas irmãs Elaine, Erielma, Elizandra e Érica por serem meu alicerce, e meu apoio por incontáveis vezes, sei que sem vocês tudo seria mais difícil e não imaginaria essa história se vocês não estivessem como pilar.

As minhas amigas da faculdade e da vida, Priscila Avelar e Camila Silva, nossas experiências e vivências juntas me sustentaram na graduação, nossa partilha e parceria durante esses cinco anos foram fundamentais e inesquecíveis.

A minha orientadora, Edivania Alves, por todo o apoio, respeito e dedicação com esse trabalho, desde o início de nossas pesquisas, até o produto final.

Agradeço a Kleyton Araújo, por seu apoio durante grande parte dessa trajetória, sem dúvidas seu papel foi fundamental, assim como o de sua família.

A Januária, Francisco Cardoso, Núbia Guimarães, assim como a meus primos e primas que sempre estiveram me apoiando e me ajudando desde o início desse percurso.

A Max Barata (*in memoriam*) e sua esposa Lene Barata, por todo amor, carinho e cuidado que sempre tiveram comigo e com minha família durante nossa chegada e permanência na cidade de Belém, vocês foram os pais que eu não tinha aqui.

A Dienne Souza (*in memoriam*) por seu amor e amizade durante o tempo que estive comigo na graduação, você sempre estará viva em meu coração.

A ARQUINEC, a meu quilombo e todos aqueles que me antecederam, sei que muitos tiveram que sofrer e morrer para que eu estivesse onde e como estou hoje.

Por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse curso, meus amigos, familiares, docentes e colegas de turma, eu não esqueci de nenhum que segurou minhas mãos até eu atravessar a ponte de cordas e chegar até aqui. Meu sincero agradecimento a todos vocês.

“Vá em busca do seu povo. Ame-o
Comece com aquilo que ele sabe,
Construa sobre aquilo que ele tem”.

(Kwame N’kruma)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFLEXÕES SOBRE CULTURA NEGRA	15
3. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	18
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
5. HISTORIANDO A COMUNIDADE QUILOMBO DE CAMPO VERDE	24
5.1 Primórdios da Escola Quilombola Campo Verde	26
5.2 Escola quilombola Campo Verde: situação atual	30
5.3 A ARQUINEC e a escola quilombola Campo Verde	35
5.4 Cultura Negra na escola quilombola Campo Verde	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
7. REFERÊNCIAS	46

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Colagem de fotos: Comunidade Quilombo de Campo Verde.....	24
Figura 2 -	Primeira escola de alvenaria da comunidade	26
Figura 3 -	Escola Quilombola Campo Verde atualmente	30
Figura 4 -	Pintura de Zumbi dos Palmares nas paredes da escola	34
Figura 5 -	Faixa da escola quilombola	34
Figura 6 -	Entrada da escola	34
Figura 7 -	Banheiros da Escola	34

RESUMO

A presente pesquisa é de caráter qualitativo cujo objetivo foi compreender de que maneira a cultura negra é desenvolvida na escolarização da comunidade quilombo de Campo Verde, para responder os seguintes questionamentos: Há influência da cultura negra na escolarização e/ou nos processos pedagógicos da escola quilombo de Campo Verde? Havendo influência da cultura negra na escolarização da escola quilombo de Campo Verde, como isso se processa e em que medida? De que formas essa influência pode ser verificada? Como método, foi utilizada a história oral por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em grande parte presencial e parte por meio digital, os depoimentos que surgiram através das entrevistas foram essenciais para compor essa pesquisa, o qual foi pautado através da coleta de fragmentos de memórias, que segundo Alves (2016) são fundamentais para o registro das narrativas das histórias orais descritas nos depoimentos. Os resultados foram expressos no decorrer da pesquisa, principalmente nos depoimentos dos entrevistados e nas reflexões a cerca da temática da pesquisa. Compreendemos que a cultura negra faz parte da essência do povo brasileiro, principalmente do povo quilombola, essa cultura precisa estar presente em todos os espaços sociais, com ênfase nas escolas através da Educação Escolar Quilombola, visto que a escola é a maior instituição compartilhadora de conhecimento.

Palavras-chave: Cultura negra; Educação Quilombola; Escolarização; Escola quilombola Campo Verde.

INTRODUÇÃO

O Brasil costuma ser interpretado como um país miscigenado, erguido e moldado por diferentes grupos étnico-raciais, e conseqüentemente diferentes culturas. Dentre as principais populações que formaram o país, destacam-se os indígenas, que habitavam o país antes do processo de invasão portuguesa, e os negros arrancados de seus territórios e trazidos à força na condição de escravizados para o Brasil.

A farta produção de conhecimento histórico a respeito das contribuições dos povos indígena e negro na construção de nosso país contrasta fortemente com o racismo que por ser estrutural impregna de negação e desvalorização da cultura desses grupos humanos todas as relações sociais existentes na sociedade brasileira e também se expressa na ausência ou precariedade das políticas públicas, principalmente no campo da Educação. Nesse sentido, é possível observar que a educação ofertada a esses povos caracteriza-se pela precariedade infraestrutural, a desvalorização cultural no meio escolar, a falta de propostas pedagógicas interligadas com a realidade cultural dos alunos na nossa região amazônica.

A verificação de lacunas existentes nos estudos referentes à educação quilombola, especificamente no Quilombo de Campo Verde motivou a pesquisa. A isso, somou-se a motivação pessoal por ser membro da comunidade em questão e admiradora das raízes culturais do meu povo, pressupus a necessidade da investigação da relação entre cultura local, o processo de escolarização e a construção da identidade da comunidade Quilombo de Campo Verde; por meio da coleta de fragmentos de memórias históricas sobre a escolarização dessa comunidade e sua relação com seus antepassados e sua formação história; com o propósito de compreender como esses processos educacionais contribuíram para que a comunidade se tornasse o que é.

Desse modo, este trabalho visa discutir sobre o modo como teórica e metodologicamente as práticas culturais envolvendo a cultura negra são desenvolvidas em uma escola de ensino fundamental e médio, localizada na Comunidade Quilombo de Campo Verde, localizada na zona rural do município de Concórdia do Pará.

O objetivo geral refere-se à reflexão acerca da relação entre a cultura negra e a escolarização da Comunidade Quilombo de Campo Verde por meio da análise da

experiência vivenciada na escola da comunidade e as diferentes práticas culturais, educativas e históricas que permeiam o ambiente escolar quilombola. Ao passo que os objetivos específicos são os seguintes: Identificar e analisar marcas de construção da identidade como comunidade remanescente de quilombo; Valorizar a Educação Escolar Quilombola, com o intuito de registrar fragmentos da história cultural com base nas informações adquiridas através dos precedentes do quilombo Campo Verde, e compreender de que maneira tais aspectos contribuem nos processos de escolarização e construção de identidade do povo quilombola residente nessa comunidade e Valorizar a importância da Educação Escolar Quilombola – EQQ para a comunidade

A presente pesquisa buscou reconhecer e valorizar a influência da cultura negra na educação local, protagonizada principalmente pelos meios culturais, bem como pelo corpo escolar e professores remanescentes de quilombos que vivem na referida comunidade, e de que maneira estas informações históricas foram fundamentais nos processos de elaboração da educação, nos métodos escolares da comunidade, na formação e reconhecimento de sua identidade auto-identificada como remanescentes da escravidão, conforme ressalta Ferreira (2021) “ao falarmos de quilombo devemos compreender que se trata de um território de resistência e de uma constante luta por liberdade, mas também como espaço de convivência, de troca de experiências, de valores, solidariedade e de uma forte oralidade entre os seus habitantes”. (FERREIRA, 2021, p. 10). O reconhecimento como quilombolas ocorreu no ano de 2010 pela Fundação Cultural Palmares, por meio do Ministério da Cultura.

As experiências educacionais e históricas enfatizadas principalmente pelos antigos professores que atuaram no quilombo constituem-se como ponto de grande potencialidade na formação e identidade das comunidades quilombolas, visto que “o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal, que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado” (SILVA e PORTO, 2012, p.13). Dentre essas experiências estão a transmissão de saberes, e de conhecimentos, ou seja, as conexões ocorrem e se transformam através da troca de experiências, bem como através do compartilhamento de saberes. Nesse sentido, entendemos que as experiências desses professores constituem o pilar da construção de saberes nessas comunidades, havendo a passagem de tais aspectos de geração para geração.

Para Gadotti (1997) “a educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora - transformar as condições de opressão - ela deve enraizar-se na cultura dos povos”. (GADOTTI, 1997, p. 19). Assim sendo, a educação está presente em todos os lugares, nos mais diversos níveis culturais e de saberes, e precisa estar constantemente atrelada á esses níveis culturais, estando em conexão com as mais diversas culturas. Na comunidade quilombo de Campo Verde a cultura negra é presente no cotidiano do povo quilombola, e de certo modo, deve auxiliar nas aulas das mais diversas áreas do conhecimento que são pautadas na escola da comunidade. Desse modo, procuraremos compreender de que modo a cultura negra do povo quilombola influencia nos processos educacionais desenvolvidos na escola quilombo de campo verde. Considerando a educação quilombola e seus mais variados aspectos, pareceu-nos pertinente levantar os seguintes questionamentos: Há influência da cultura negra na escolarização e/ou nos processos pedagógicos da escola quilombo de Campo Verde? Havendo influência da cultura negra na escolarização da escola quilombo de Campo Verde, como isso se processa e em que medida? De que formas essa influência pode ser verificada?

A educação é um direito garantido pela Constituição Federal, sendo assim é dever da nação e do Estado possibilitar o acesso ao conhecimento às famílias, havendo uma relação direta com a sociedade. As leis brasileiras têm por obrigação garantir pleno direito étnico-cultural a pluralidade de ideias apesar de o Brasil ser um país de formação social e histórica marcada pelo racismo, observamos que a educação, assim como outros aspectos surge como importante mecanismo social, para lutar contra as opressões ainda presentes em nossa realidade.

Segundo Alves-Brito (2021), “a Lei 10.639/2003 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir a obrigatoriedade da temática história e cultura africana e Afro-Brasileira (BRASIL, 2003), ampliada em 2008 para incluir a História e cultura dos povos indígenas (BRASIL, 2008)” (ALVES-BRITO, 2020, p. 62). No entanto, verificamos que mesmo com leis, diretrizes, resoluções e outras documentações que preconizam a Educação Escolar Quilombola, assim como a Educação Indígena, identificamos o desprezo, a negação e exclusão, e tantas outras atitudes racistas que permeiam a sociedade, e sobretudo o ambiente escolar.

Metodologicamente, para o desenvolvimento deste trabalho sobre a educação e cultura da comunidade remanescente de quilombo Campo Verde, foram realizadas buscas na literatura científica, em base de dados on-line/ portais de pesquisa, principalmente o Scielo, bem como alguns livros.

Esse estudo configura-se em uma pesquisa de campo, no qual foram utilizados como métodos entrevistas de membros da comunidade que atuam direta ou indiretamente na escola ou na associação quilombola da comunidade, bem como reflexões sobre o modo como é utilizada a cultura negra na escola da comunidade, principalmente pelos professores.

Como instrumento de pesquisa utilizamos a entrevista oral, buscamos entender a compreensão dos sujeitos da pesquisa sobre temática de influencia cultural negra na escola de Campo Verde, pois “a história oral caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela” (ALVES, 2016, p. 3). Desse modo, destaca-se que as principais funções da pesquisa científica são de ampliar e difundir o conhecimento, e a graduação é o local de referência dessa produção de informações.

Para obtenção de dados buscamos utilizar as entrevistas orais, para que a partir desses depoimentos houvesse a compreensão sobre a relação entre a Cultura local e a construção dos processos educacionais no quilombo de Campo Verde. Segundo Alves (2016), a entrevista oral proporciona várias experiências no decorrer da pesquisa, tanto para o pesquisador, quanto para o entrevistado, nas quais vemos além da emoção, visitas a memórias históricas que são essenciais no processo narrativo.

Assim, de acordo com Alves (2016) “o trabalho realizado com a história oral possibilita através da escuta e dos apontamentos das narrativas, a reinvenção de novas organizações de trabalhos, á medida que os sujeitos podem reelaborar suas concepções, abordagens e opiniões no processo da entrevista” (ALVES, 2016, p. 8).

A metodologia que compõe esse trabalho configura-se em caráter qualitativo, baseada nas entrevistas orais, coletadas com os sujeitos do quilombo Campo Verde, para que por meio dessas entrevistas obtivéssemos os dados necessários para a construção desse trabalho, pautadas principalmente, na descrição das memórias locais, acontecimentos históricos e o modo de vida das pessoas que formam essa comunidade e seu sistema educacional.

Iniciamos os trabalhos primeiramente observando sutilmente a escola, pois como a autora desta pesquisa está residindo em Belém atualmente por conta do seu curso, a maioria das viagens para o desenvolvimento das pesquisas ocorreu nos finais de semana, o que impossibilitava participar do pleno funcionamento da prática escolar da escola, e realizar uma pesquisa mais aprofundada, visto que o período semanal de aula ocorre de segunda a sexta, mas aos poucos conseguimos ir levantando pequenas informações que iriam compor nossa pesquisa.

Para compor as entrevistas, convidamos a primeira professora da escola, juntamente com a diretora, o presidente da ARQUINEC (Associação dos Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará), assim como dois professores atuantes da escola, para que assim pudéssemos compreender como se iniciou todo o processo para que a escola quilombo de campo verde se tornasse no que é hoje.

No primeiro momento buscamos entrar em contato com a direção da escola, pessoalmente, para pedirmos autorização para a realização das pesquisas. Após uma longa conversa, foi informado que precisaríamos de um ofício informando também em escrito sobre nossa visita. Conseguimos o ofício, levamos até a escola, e obtivemos a data para a primeira visita à escola.

O segundo momento foi marcado por algumas observações na escola, na estrutura, no ambiente como um todo. E nesse mesmo dia obtivemos a primeira entrevista dialogada, que foi realizada com a diretora da escola, utilizando a gravação em aparelho celular para auxiliar na obtenção de dados.

É necessário ressaltar aqui que antes mesmo dessa entrevista entramos em contato com a diretora para analisarmos as documentações da escola após a entrevista, como o Projeto Político Pedagógico da escola, por exemplo, mas enfatizamos que não nos foi permitido analisar essas documentações, nem nos foi passado qualquer informação escrita sobre a Escola quilombo de Campo Verde, suas políticas pedagógicas, metodológicas, documentais e suas especificidades.

Durante essa visita na escola, pudemos fazer registros fotográficos no ambiente, exceto dentro das salas de aula, e com o aparelho celular buscamos registrar os traçados estruturais e ambientais da Escola. Nessa mesma visita, fomos convidados a observar a realização de um projeto desenvolvido na escola, com o objetivo de uniformizar os

alunos de modo geral. Após nos ser repassada a data, fizemos um grande esforço para viajar de Belém até à comunidade e participar do projeto, que mais adiante descreveremos detalhadamente.

No terceiro momento entrevistamos a primeira professora da história da escola Quilombo de Campo Verde, também com auxílio de gravador de aparelho celular. Fez-se necessário essa entrevista, principalmente pelo fato de que para entendermos o presente, precisamos compreender como se deu o passado.

Para o quarto momento, convidamos o atual presidente da associação das comunidades quilombolas – ARQUINEC, um dos principais líderes quilombola da região e grande colaborador para obter a escola dentro do próprio território quilombola.

No quinto momento, convidamos dois professores atuantes na escola, que entrevistamos e recebemos as respostas por áudios e textos, via ferramenta digital, por meio do aplicativo digital *WhatsApp*, para que obtivéssemos também as percepções dos professores acerca da temática abordada nesta pesquisa.

E por fim, após entrevistas, conversas, observações, registros fotográficos e outros dados, passamos a destrinchar no papel todos os dados coletados. Primeiramente, fomos selecionando as fotos para estar na pesquisa, com o cuidado de preservar a identidade local. Em seguida, transcrevemos as entrevistas, observando, separando com cuidado cada dado que pudesse ser utilizado em nossa pesquisa, ressaltamos que todos nossos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para participarem da pesquisa que discorre nesse trabalho. Com a obtenção de todos esses dados, passamos daqui em diante a discorrer sobre o que coletamos e observamos.

2- REFLEXÕES SOBRE CULTURA NEGRA

Como dialogamos durante a introdução, o Brasil é, incontestavelmente pela sua história e formação, um país miscigenado. Isso quer dizer que na sociedade brasileira existe uma variação significativa de traços, modos de vida, de pessoas, e principalmente, de culturas. Utilizamos a interpretação crítica designada por Kabengele Munanga, onde a miscigenação foi largamente difundida na perspectiva da divisão interna dos negros e negras, alimentando a falsa dicotomia entre as denominações negro e todas àquelas que se denominam pessoas que estereotipicamente são lidas como

derivadas da miscigenação (mulato, moreno, etc.) com vistas a um branqueamento. Sendo assim:

A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o “passing” que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizaram os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidades coletivas. Tanto os mulatos quanto os chamados negros “puros” caíram na armadilha de um branqueamento ao qual não terão todos acesso, abrindo mão da formação de sua identidade de “excluídos”. (MUNANGA, 2004, p. 96)

Ao observarmos as raízes culturais do país, compreendemos que há uma extensa diversidade, afinal, quando abordamos o significado da palavra “cultura” encontramos um conceito extremamente amplo, e que sofre variações em cada região do país. Nesse sentido, percebe-se que não há um conceito único de cultura, a cultura pode se difundir de modo geral, porém em cada espaço ela pode significar algo diferente, pode ser música, dança, comida, assim como força, resistência, amor e sobrevivência.

Para Farias e Mendes (2014), a cultura tem variados aspectos, mesmo havendo um conceito universal, a cultura é algo contínuo, singular, inigualável, que está em frequente mudança, dependendo do espaço ou dos grupos de pessoas que compõem sua estrutura, pois “quando nascemos, já estamos inseridos em um grupo cultural, já recebemos como herança um conjunto de conhecimentos milenares que nos antecederam”. (FARIAS E MENDES, 2014, p. 17).

Nesse sentido, compreendemos que crescemos inevitavelmente em um ambiente cultural, e a medida que o tempo vai passando e vamos crescendo, passamos a nos identificar com o meio cultural ao qual estamos imersos, afinal a identidade de um povo se dá através de sua cultura, e essa cultura naturalmente é passada de geração em geração, visto que “[...] todas as sociedades, rurais ou urbanas, simples ou complexas, têm cultura e que não existe ser humano sem cultura”. (FARIAS E MENDES, 2014, p. 19).

Tendo em vista toda essa variação cultural, é notória que cada grupo social de cada região do país tem sua cultura, e uma especificidade identitária cultural. Assim sendo, “desses grupos, a etnia negra teve, desde o início, papel de grande relevância nos destinos de povoamento, da economia, e da formação da sociedade”. (MARCONI e PRESOTTO, 2011, p. 268-269).

Os quilombos, por exemplo, são em sua considerável maioria, regidos pela cultura negra, cultura essa trazida pelo povo negro quando foram arrancados de suas terras para serem trazidos como escravos para o Brasil, e dentro desses quilombos eram realizadas manifestações culturais pelos negros que conseguiam fugir dos engenhos e ir para os quilombos, na esperança de manter sua cultura viva, como destaca Silva (2014):

“Para conseguir preservar sua cultura e suas crenças, o negro foi obrigado a buscar dois caminhos: a “aceitação” do que era imposto pela igreja católica, miscigenando com o que era compatível com sua cultura, como também, os que conseguiam fugir, através da manutenção de seus ritos nas sociedades clandestinas por ele formadas, chamadas de quilombos. Nos quilombos, de forma oculta, às margens do poder, os negros possuíam certa liberdade para se manifestarem, mormente de acordo com os costumes de suas terras natais”. (SILVA, 2014, p. 28)

A cultura negra deve ser a raiz, o pilar do povo que a tem como norteadora, e fazer disso sua força, por toda história de sua origem e disseminação. As expressões identitárias das comunidades quilombolas são sua essência, sua principal porta para que possam mostrar ao mundo que são voz, que são poder, que são um povo, povo esse que ergueu com sangue e dor as engrenagens desse país, como observamos nas falas de Silva (2014, p. 29):

“[...] apesar de toda a dificuldade encontrada, e muito ter se perdido, a contribuição do povo africano para a formação brasileira foi primordial tanto na composição física da população quanto na conformação do que viria a ser cultura. Isso inclui várias dimensões, como a culinária, língua, música, religião, estética, valores sociais e estruturas mentais”. (SILVA, 2014, p.29)

Nesse segmento, a cultura negra sempre foi um símbolo de resistência e força entre seu povo, desde sua desumana chegada ao Brasil, até os dias atuais, e mesmo com toda

opressão que o povo negro e sua cultura sofreram e continuam sofrendo, essa cultura não desapareceu, ao contrário, atualmente a cultura negra é uma das raízes históricas mais importantes do país, e nas comunidades remanescentes de quilombos, essa cultura é expressa com mais força.

Desse modo, a cultura negra no território quilombola é expressa em diferentes meios, seja nos meios religiosos, esportivos, culinários, estéticos, e na educação, ou pelo menos é isso que se espera no âmbito educacional quilombola, visto que a cultura negra “[...] é uma representação abstrata do território, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo”. (GOMES, 2003, p. 23)

Assim, é essencial que nesses territórios haja uma representatividade cultural forte, e quando voltamos nossos olhos para a escolarização que é desenvolvida nas escolas dos territórios quilombolas, é necessário que seja algo significativo, tanto para os alunos, como para a comunidade escolar como um todo, haja vista que a escola é a maior responsável por difundir o conhecimento, como destaca Silva (2014):

“A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas”. (SILVA, 2014, p.77)

Desse modo, é natural que um país com tamanha pluralidade cultural, obtenha diversos tipos de modos de vida. Em nossa pesquisa abordaremos de maneira específica a cultura negra, visto que como a escola está situada em uma comunidade quilombola, espera-se que tenhamos a cultura negra como norte central dos modos de vida das pessoas da comunidade quilombola de campo verde, bem como em, sua escolarização.

3- EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA – EQQ

Para dialogarmos sobre a Educação Escolar Quilombola – EQQ, primeiramente é necessário compreender como se desenvolveu o processo que reivindica a inclusão da cultura negra no currículo escolar.

Santos *et al.* (2020) descrevem em seu artigo sobre o trabalho com a educação escolar quilombola alguns passos que foram essenciais para termos as leis e resoluções que temos hoje para o desenvolvimento da cultura negra na educação. Destacamos alguns acontecimentos que formaram a trilha até a atual resolução que temos hoje. Nesse sentido, segundo Santos *et al.* (2020), os fatos históricos abaixo listados foram os principais contribuidores para o reconhecimento da educação escolar quilombola no território brasileiro:

“1988: carta magna
1991: projeto Kalunga-UFG
1995: marcha zumbi dos palmares contra o racismo
1995: 1 primeiro encontro de comunidades negras em Brasília
1996: criação Da coordenação nacional de articulação das comunidades negras rurais Quilombola (CONAQ)
2008: elaboração da “carta de princípios da educação escolar Quilombola em nível nacional”.
2010: realização da conferência nacional de educação (CONAE)
2012: resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012 estabelece as diretrizes curriculares nacionais para educação escolar Quilombola na educação básica”
(SANTOS, *ET AL* 2020, p. 269)

Esses acontecimentos favoreceram o delineamento de uma educação que viesse a contemplar as diversidades culturais existentes em nossa sociedade, tendo em vista que o Brasil é um país construído com base na miscigenação étnico-racial, tais fatos remetem à luta contra o preconceito racial existente na sociedade brasileira, derivados de diferentes segmentos tanto pessoal, como estrutural e entre outros aspectos que fazem com que essas citações continuem a existir em pleno século XXI.

Não detalharemos aqui todos os acontecimentos listados acima, pois acreditamos que seja necessária uma pesquisa mais aprofundada para trazer todas as manifestações que foram necessárias para que a cultura negra fosse posta em pauta para compor os currículos de ensino, aqui sendo especificada como Educação Escolar Quilombola.

Segundo Santos *et al.*(2020), a trajetória para alcançar a inclusão da cultura negra nos currículos escolares vem de uma história de luta e resistência, principalmente para obter uma resolução que tratasse especificadamente da Educação Escolar Quilombola, como se observa:

“a pressão de negras e negros Quilombolas e outros segmentos da sociedade civil sobre o estado brasileiro na luta por uma educação que contemplasse as especificidades de comunidades Quilombola teve início na década de 1980, e se intensificou após a constituição de 1988, a partir da qual se iniciou um processo de reconhecimento dos

territórios dessas comunidades e a luta pela instituição da educação escolar Quilombola”. (SANTOS, ET AL. 2020, p. 269)

Na sociedade atual observamos que mesmo com diversas leis que punem os crimes contra o povo negro, e conseqüentemente sua cultura, tais acontecimentos continuam presentes na sociedade brasileira, isso é refletido também em espaço formativos (escolas, universidades) onde os povos tradicionais quilombolas e indígenas não têm uma educação voltada para seus modelos de vivência, ou seja, ainda são obrigados algumas vezes a estudar algo muito distante da sua realidade habitual, hoje já se sabe segundo as normas estabelecidas pelo ministério da educação que os espaços de convivência e a realidade dos alunos precisam ser levados em consideração nessa perspectiva.

Atualmente a resolução n° 8 de 20 de novembro de 2012, é a documentação que preconiza a Educação Escolar Quilombola, formulada com o intuito de trazer orientações para as práticas educacionais com ênfase na temática cultural quilombola e seu desenvolvimento nas escolas de modo geral. Em seu artigo 1°, destaca:

“1° A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade”. (BRASIL, 2012, p. 3)

De acordo com a resolução para o desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola, as metodologias que compõem as atividades curriculares devem incluir várias temáticas que fazem parte do cotidiano do povo, ou seja, da realidade dos alunos. Assim sendo, a escola, bem como seu corpo escolar devem elaborar propostas de ensino significativas, que possam além de educar os alunos, despertá-los para quem são, o que são e de onde vieram, sua história, de fato.

Desse modo, buscaremos compreender como a escola Quilombola Campo Verde sendo uma escola quilombola, desenvolve a cultura negra em suas práticas pedagógicas,

visto que como escola quilombola, ela é a principal transmissora de conhecimento para seus alunos e futuros cidadãos quilombolas do território.

4- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Desse modo, procura-se abordar de maneira reflexiva, a influência da Cultura Negra na escolarização dos indivíduos da comunidade Quilombo de Campo Verde, de que modo elas se desenvolvem a partir do cotidiano escolar dos alunos, bem como as estratégias didático-pedagógicas na perspectiva da cultura negra, que de certo modo são praticadas na escola quilombola.

Segundo Farias e Mendes (2014) “a cultura e o seu conceito têm que ser compreendidos como algo dinâmico e contínuo, em virtude de estarem constantemente se modificando, em face dos contatos com outros grupos ou com suas próprias descobertas, invenções, inovações” (FARIAS E MENDES, 2014, p. 16)

Nesse sentido, a cultura está muito além de ser apenas algo conceitual, haja vista que cada povo tem sua própria cultura e esta é uma das, se não a principal, característica de determinado povo, pois além de ser dança e música, a cultura é a construção de um povo, de uma sociedade, e sua junção com a educação estabelece uma aprendizagem mais significativa e realista, pautada na realidade dos alunos.

Gomes (2003) ressalta que “a cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social”. (GOMES, 2003, p. 75)

Assim sendo, a cultura de um grupo social é sua matriz central, responsável por sua identidade, força, expressão e várias outras características que constituem o pilar de um povo. Na área educacional, a cultura deve ser levada em consideração, pois quando o aluno se enxerga dentro do contexto ao qual está estudando/visualizando, tudo passa a fazer mais sentido.

Para que haja o trabalho com a cultura local, os professores, futuros professores, bem como todo o corpo escolar precisam ter a consciência de que aquela comunidade tem sua própria cultura, e essa cultura está enraizada dentro de cada indivíduo da

comunidade, ou seja, não há como propagar uma educação sem haver entrelace com a identidade cultural do povo, Lopes (2018) ressalta que “entre o que vem de dentro da escola e o que vem de fora com as práticas sociais quilombolas, mediado pelo projeto político-pedagógico, o currículo é o fortalecimento de saberes locais”. (LOPES, 2018, p. 207)

Nesse sentido, há a necessidade de que essa formação seja interdisciplinar, trazendo elos entre o conhecimento adquirido nas Universidades, os saberes empíricos e as mais diversas culturas dos povos que habitam no nosso país. Nas comunidades quilombolas, a cultura negra deve ser um contribuinte em varias formas na área da Educação que é implantada nas escolas comunitárias, visto que além de ser a cultura do povo quilombola, o trabalho dessa temática é respaldado por lei. Nesse sentido, Lopes (2018), destaca que:

Houve o consenso de que a educação escolar quilombola precisa estar preocupada em proporcionar mecanismos de estímulo à continuidade dos estudos dos jovens, para que eles cheguem ao Ensino Superior tendo consciência do legado histórico dos antigos remanescentes de quilombos. E, principalmente, mantenham-se fortalecidos na identidade cultural e racial negra brasileira. (LOPES, 2018, p. 207)

Nesse segmento, é de grande relevância que o trabalho nas escolas quilombolas perpassa os muros escolares, enfatizando, sobretudo, a importância desse povo na história do Brasil, e desses sujeitos enquanto remanescentes desse povo, como destaca Cardoso (2014), ao ressaltar que “a relação entre memória e identidade apontam para a análise acerca da constância ou permanência dos negros nas comunidades [...]”. (CARDOSO, 2014, p. 39)

A educação implantada nos quilombos precisa trazer as reflexões históricas, e estas devem ser transmitidas e dialogadas com seus alunos, para que a partir de tais reflexões os alunos possam compreender o passado, o presente, e visualize o futuro, mostrando aos alunos a importância da sua vida, identidade, história, luta e resistência. A educação quilombola deve colocar/ter em sua centralidade os conhecimentos históricos, a cultura negra no seu mais profundo e real sentido, bem como seu papel fundamental na construção da identidade local.

A partir desse contexto, Lopes (2018) destaca que é “na relação entre território e educação em circunstâncias históricas que se aprende o cotidiano da exploração, do

racismo, bem como a própria ressignificação do saber da tradição, agora voltado para o empoderamento da comunidade”. (LOPES, 2018, p. 209)

Desse modo, a educação escolar quilombola precisa estar em sintonia com a vivência territorial da comunidade, estabelecendo uma conexão entre educação-cultura-território e identidade, e com isso desenvolver propostas didáticas que possam estar entrelaçadas com esses aspectos, como destaca Lopes (2018):

Os saberes locais que se encontram dentro da comunidade e a formação de professores precisam caminhar juntos. Numa relação dialógica, a segunda não pode se sobrepor à primeira, reconhecendo que os saberes locais serão balizados pelo conhecimento científico, no qual o ensino não seria somente o da ciência acumulada, mas a experiência mediada pelo senso comum e a cultura. (LOPES, 2018, p. 209).

Desse modo, é de grande relevância que haja um elo entre conhecimento local e conhecimento científico, considerando que um não pode ser mais viável que o outro, e que para aspectos de aprendizagem o uso dos conhecimentos locais fomentam a aprendizagem dos alunos, visto que esses alunos visualizam sua cultura, seu modo de vida no contexto didático que lhe está sendo repassado.

Assim, busca-se com esse trabalho, fazer uma reflexão sobre a relação entre a influência da cultura negra e a escolarização na Comunidade Quilombo de Campo Verde, trazendo a experiência vivenciada por anos na escola do território e as diferentes práticas educativas que permeiam o ambiente escolar quilombola.

Pretendemos com essa pesquisa identificar as potencialidades da utilização da cultura negra nos ambientes comunitários de Educação, bem como analisar o modo que os alunos reagem às propostas didáticas, e observar as contribuições e resultados que essas aulas trazem para os alunos e para a comunidade.

É importante ressaltar que a utilização da cultura negra é de grande contribuição para comunidade quilombola, pois além de explanar as significações da cultura local para os alunos, trataremos nesse trabalho das relevâncias para a comunidade como um todo. Dessa maneira, buscamos concluir que a cultura negra vem a ser uma potente ferramenta na educação, pois além de uma proposta didática lúdica e necessária, está imersa no cotidiano dos alunos, fazendo um leque com o ensinar, o aprender, e a realidade dos alunos.

Ressalta-se ainda, a importância dessas reflexões para a comunidade, pois através delas podemos compreender como se dá esse processo de utilização da cultura negra no desenvolvimento de atividades, e de que maneira essa temática agrega na educação e na comunidade.

4- HISTORIANDO A COMUNIDADE QUILOMBO DE CAMPO VERDE



Imagem 1: Colagem de fotos. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

A comunidade Quilombo de Campo Verde está localizada às margens do Rio Bujaru e no percurso da estrada Trans-jutaí, zona rural do município de Concórdia do Pará. De acordo com algumas pesquisas na comunidade, não dados completamente exatos, porém ao que se sabe a comunidade já existia antes de 1950, antes disso, povoado por escravos que fugiram dos engenhos através do rio que corta a comunidade, e depois pelos filhos, netos, e bisnetos daqueles que conseguiram fugir do regime escravista.

Devido às dificuldades para encontrarmos os depoimentos dos mais antigos habitantes do território (alguns pelo fato de já haverem falecido), descreveremos aqui a partir de alguns trabalhos escritos sobre a comunidade, e com base no conhecimento da autora da pesquisa, haja vista que não é o objetivo desse trabalho relatar todos os pontos acerca da Comunidade Quilombo Campo Verde, pois acreditamos que para

descrevermos todas os fragmentos de memória sobre a comunidade, além de precisarmos de mais pesquisas na área, não há como esgotarmos esse tema em apenas um trabalho, deixando em aberto para futuras pesquisas.

Atualmente a comunidade é formada por pequenas vilas, geralmente povoadas por cada família em seu terreno, e também moradores que moram do outro lado do rio, visto que a comunidade é dividida pelo rio, mas com a sua maior área de um lado apenas.

O quilombo é composto por cinquenta e oito famílias, distribuídas em vilas dos dois lados do rio. A comunidade tem em seu núcleo central um espaço chamado “arraial”, que fica na passagem da estrada de barro conhecida como Trans-Jutaí, o ponto principal da comunidade, onde estão situados uma Igreja católica, um salão comunitário, a escola, o telecentro (atual secretaria da escola), a casa dos professores e uma quadra esportiva.

Os moradores da comunidade quilombo de Campo Verde possuem a agricultura como uma das suas principais fontes de renda, através do plantio de mandioca para fazerem a farinha para consumo e principalmente venda, e de pescas para consumo e venda, e caça para consumo próprio apenas.

Na estrutura habitacional do quilombo temos a grande parte das casas de alvenaria, que foram construídas através do programa federal Minha Casa Minha Vida, mas ainda existem inúmeras casas de madeira na comunidade. As estradas da comunidade, conhecidas como “ramais”, são o principal percurso feito pelos moradores, utilizando quase sempre motocicletas, porém ainda existem trilhas, “caminhos” por dentro das matas, onde também pode-se fazer o percurso que é feito pelos ramais.

Em quilombo de Campo Verde há uma forte oralidade entre seus habitantes, o povo ainda mantém algumas tradições antigas e tenta preservá-las. Há na comunidade as festas religiosas, como a romaria de Santa Maria em Maio, a festividade do padroeiro da comunidade que é São Tomé em julho, e também temos a festividade de Santa Luzia que ocorre em Dezembro, todas realizadas no arraial da comunidade e atraindo muitas pessoas, além dessas festas religiosas, também temos as festas de aparelhagens que são parte da cultura da comunidade e do Estado do Pará, onde são possíveis encontrar muitas pessoas de todas as regiões próximas.

O arraial do Quilombo de Campo Verde é bastante conhecido em toda região, nele encontramos como o ponto principal, a igreja e escola. A escola é atualmente a principal porta de visitantes para a comunidade, estando como seu maior símbolo de resistência e força, ao qual passamos a descrever a seguir.

4.1 – PRIMÓRDIOS DA ESCOLA QUILOMBOLA CAMPO VERDE

Primeira prédio da escola em alvenaria



Imagem 2: Primeira escola da comunidade. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

A escola Municipal de Ensino Fundamental de Ensino Fundamental e Médio Quilombola Campo Verde, antes denominada como “Escola Campo Verde”, surgiu em meados de fevereiro da década de oitenta. Inicialmente, funcionando em casa de família, que também era conhecida como “casa das mães”, durante cinco anos.

Depois de cinco anos, a própria comunidade construiu um pequeno espaço de madeira, chamado de “barraco” pelos moradores do território, onde passaram a serem realizadas as aulas, pela, até então, primeira professora atuante na comunidade. A estrutura dessa primeira escola era bem precária, de acordo com os relatos, o espaço era somente uma pequena sala, com cobertura de telha, e cercada de madeira. O piso era barro, e não possuía lajotas, ou cimento para cobrir o barro, na época. Inicialmente funcionava somente uma sala, logo após foi ela foi ampliada para duas salas, mas que continuava sendo um cercado de madeira e o chão de barro, infelizmente por conta do tempo dos fatos, não conseguimos obter nenhum registro fotográfico da escola nessa época.

Segundo nossas entrevistas e dados coletados, a primeira professora da escola Campo verde, foi a senhora Maria de Jesus Cardoso, atualmente com sessenta anos. Nos depoimentos da professora, podemos observar que sua prática com a educação iniciou muito cedo, com pouca experiência, tendo apenas a oitava série, que era conhecido como magistério naquela época, mas tentando da melhor forma desenvolver a aprendizagem com seus alunos, como vemos no trecho a seguir:

Trabalho nessa escola há quarenta e um anos, fui professora da primeira turma, de sessenta e oito alunos, que era multisseriado e trabalhei como professora até o ano passado. Esse ano eu estou com professora e inspetora, ao mesmo tempo. Mais como inspetora. Bom, trabalho duzentas horas atualmente. Posso dizer que fui uma das principais pessoas que atuaram na implantação dessa escola. (MARIA DE JESUS, 2022).

Na entrevista que obtivemos com a professora, pudemos observar que a rotina era bastante extensa e cansativa, visto que existem vários pontos que contribuíam para que o trabalho da professora fosse bastante pesado. O primeiro ponto é a distância entre a casa da professora Maria de Jesus e a escola, pois o percurso é longo e inclui uma travessia de um rio e de extenso igapó, que é utilizado até hoje pelos moradores se locomover para chegar às casas que ficam do outro lado do rio. O segundo, podemos citar a quantidade de alunos nas turmas, visto que, como eram classes de multisseriado, geralmente acomodavam mais de 30 alunos, em uma pequena sala e com pouca estrutura. Outro ponto importante era o fato de a professora daquela época desenvolver várias atividades além de lecionar, como por exemplo, ser a merendeira, ou a auxiliar de limpeza da escola também, como a professora Maria de Jesus se recorda:

Trabalhava de manhã e de tarde. Mesmo assim no início eu era a professora e merendeira da escola. Quando passamos e noventa e cinco tivemos uma ajudante de merendeira, e uma professora ajudante, que era a Maria Selma. Trabalhando com educação infantil e eu sempre com multisseriado sempre trabalhei com multisseriado de cinquenta alunos, quarenta alunos, cada turma. (MARIA DE JESUS, 2022)

Segundo a professora, só em dezembro de 2005 foi inaugurado o primeiro prédio de alvenaria, a primeira escola com estrutura mais adequada, feita no mandato do então prefeito de Concórdia do Pará, Walmir de Araújo Alves. Nessa nova escola, havia só

uma sala, porém já havia cozinha, uma pequena secretaria, uma dispensa pra guardar a merenda, e com essas melhorias, a prefeitura passou a contratar mais funcionários, como uma merendeira, e um zelador, por exemplo.

Em nossa busca mais aprofundada pela compreensão da temática que é o enfoque desta pesquisa, buscamos entender sobre como começaram as primeiras manifestações do trabalho com a cultura negra na escola de Campo Verde, visto que a comunidade foi reconhecida como quilombola em 2010, através do Ministério da Cultura.

De acordo com o que observamos da nossa entrevista com a primeira professora da escola, era feito de tudo um pouco para que a cultura do povo pudesse ser ensinada à eles, talvez não como devesse, mas de algum modo, era feito um esforço para trazer as questões de identidade e cultura para dentro de sala de aula.

Porém, de acordo com as falas da professora, é visualizada atualmente uma pouca valorização da cultura dentro da escola, dentro da comunidade, pois segundo Maria de Jesus:

Quando a gente a gente diz que é quilombola, mas a gente está desprezando a nossa cultura, não há como ser quilombola, e eu fico triste né? Porque tem muita coisa da cultura negra, da nossa cultura, que a gente não a gente não preservou. Muitas coisas, a maioria das coisas que eu sei, que são frutos daqui da nossa origem, uma hora vão se perder. Principalmente porque se você se formou de professora, eu me formei de professora, a colega aqui se formou de engenharia, e mesmo com essa formação nós não sabemos de onde saímos, saímos de quê? Como nós saímos? Nós saímos duma comunidade quilombola né? temos que valorizar isso. (MARIA DE JESUS, 2022)

É válido ressaltar aqui a força que essa expressão da professora retrata, pois se estamos imersos em uma comunidade quilombola, não deveria ser esse espaço o maior preservador de sua própria cultura? Se a escola, se o povo, não for o maior responsável em preservar e valorizar sua cultura, em repassar para seus filhos e alunos, quem mais será? Como observamos nesse trecho do trabalho de Ferreira (2021):

“Eu pretendo terminar minha faculdade e dar aula, não sem fazer especializações, e voltar para minha terra, para o meu Quilombo dá aula para crianças quilombolas, ensinar que eles são fortes e podem conseguir tudo o que quiserem e que são o futuro da nossa comunidade. Então, se os futuros membros da comunidade não

conhecerem sua própria história, quem conhecerá?” (FERREIRA, 2021, p. 43)

Na opinião da professora Maria de Jesus, a escola melhorou, e evoluiu muito em vários sentidos, mas quando falamos de cultura negra e sua influência na escola do território, é possível observar que ainda há muito que evoluir. É necessário que vá além do vinte de novembro, que perpassa os livros didáticos e estereotipagens, que os alunos possam se olhar, se ver, se identificar como quilombolas, como um povo livre, forte e capaz de chegar onde quiserem, sem se esquecerem de onde vieram.

A professora Maria de Jesus continua atuando até hoje na escola, já agora, Quilombo de Campo Verde. Formou-se em 2012 em pedagogia pelo programa PAFOR, da Universidade Federal do Pará, mas já atuou como vice-diretora, professora, coordenadora pedagógica, e atualmente está como inspetora.

Na comunidade escolar do território, a professora Maria de Jesus é símbolo histórico de toda a escolarização da comunidade Campo Verde, principalmente. A maioria das pessoas formadas e não formadas, foram alunos da professora, com ênfase nas séries de primeira à quarta, e ela está até hoje na escola, a viu nascer, e hoje visualiza seus próprios antigos alunos como seus companheiros de trabalho, segundo ela “quer dizer que de uma maneira, ou de outra, deu certo, e isso é muito gratificante”, como podemos observar no seu depoimento:

Aí hoje eu continuo trabalhando. Estou como inspetora hoje, e me sinto orgulhosa porque muitos alunos que saíram da minha saiu aluno da minha mão Graças a Deus que tem duas faculdades, não fez cursinho. Foi mesmo, fez a prova, ENEM, passou e passa todo ano essa pessoa que tem que tem duas faculdades não foi a prova seletiva que fez, foi prova do vestibular mesmo, passou. Tem umas que fizeram pra você ver que graças a Deus passaram e já estão terminando, estão defendendo, uns já defenderam, outras já terminaram, tem uns iniciando e foi quase todas essas pessoas passaram pela minha mão. E eu me sinto orgulhosa por isso, né? Porque apesar da gente escuta os comentários negativos, mas eu dentro de mim eu sei quem eu sou, como eu fui e sou capaz de colocar um aluno numa faculdade. (MARIA DE JESUS, 2022).

No decorrer de nossa entrevista, fizemos algumas pausas, pois a professora Maria de Jesus se emocionou muito e chorou ao lembrar-se de toda a árdua caminhada que percorreu até aqui. Segundo ela, não foi fácil ser professora, mãe de sete filhos,

atravessar um rio de canoa, quilômetros de igapó, e tantas outras questões que faziam parte de sua vida pessoal e profissional, mas ela conseguiu, pois está atuando até os dias atuais. Essa é, sem dúvidas, uma história que nos inspira, visto que, ao relatar todo esse processo, vi nos olhos de Maria de Jesus o amor pela docência, a força de uma mulher, de uma mãe preta, que enfrentou as mais diversas dificuldades para levar a aprendizagem aos seus alunos, e observar que alguns desses alunos são seus companheiros de profissão atualmente, é vislumbrar o reflexo de que todo esse esforço valeu a pena.

Na finalização da entrevista, observa-se que a história da construção escolar da comunidade quilombo de campo verde é marcada desde seu surgimento, por inúmeras dificuldades, mas que não impediram que a educação fosse desenvolvida, e hoje observamos essas inúmeras melhorias que vem ocorrendo na escola, como passaremos a descrever adiante.

4.2 - ESCOLA QUILOMBOLA CAMPO VERDE : situação atual



Imagem 3: Escola quilombola Campo Verde. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

No ano de 2013, a escola quilombola Campo Verde ainda era no prédio antigo, funcionando apenas de primeira a quarta. Os alunos que passavam para quinta série em diante, na época, precisavam se deslocar para outra escola, a escola Santa Maria III, que ficava na comunidade Galho, a cerca de 10 km de distância da comunidade Campo Verde, pois era a escola pólo da região.

No ano de 2014, houve uma grande inquietação por partes dos pais dos alunos, a escola Santa Maria III, matriculou os alunos de idade inferior a 18 anos no período noturno, uma proposta que não foi bem recebida, principalmente, pelos pais dos alunos da comunidade campo verde, tendo em vista toda a dificuldade que os alunos da noite enfrentavam, especificamente em tempos de inverno nos ramais barrentos que levavam até a escola. Então, houve uma grande reunião com toda a comunidade para discutir essa proposta.

Ainda no início do ano foi formada uma comissão para ir até a escola Santa Maria III e negociar com a diretora, porém ao chegarem à escola, a diretora informou que quem dava a palavra final era a secretária de educação, por meio da secretaria de estado de educação – SEDUC.

A diretora do estado, então foi convidada para uma reunião, juntamente com a comunidade, e disse que não existia possibilidade dos alunos estudarem pela parte do dia. Um ponto que vale ressaltar aqui foi quando a diretora do Estado disse que se os pais quisessem que os seus filhos não estudassem a noite era para irem atrás dos seus direitos com o promotor de Justiça do Estado, ou era para encher os quilombolas, em ônibus, trator, caminhão, pegar, e procurar seus como direitos como quilombolas na SEDUC.

Então de acordo com os relatos, e a experiência da própria pesquisadora, o povo tomou força, através das manifestações pacíficas. A primeira manifestação ocorreu dentro do próprio território, com todas as comunidades próximas à comunidade Campo verde, e dessa reunião foram escolhidas sete pessoas para atuarem como a “comissão” principal no assunto. A segunda manifestação ocorreu na cidade de Concórdia, foram dois ônibus cheios de membros das comunidades, pais, alunos, avós e etc., que queriam uma resposta da secretaria de estado de educação.

O processo para a implantação da escola com modalidade para ensino fundamental maior e ensino médio na comunidade quilombo de campo verde foi árduo, com várias lutas, incontáveis viagens para SEDUC em Belém, muitas humilhações, desde casos de racismo, até o fato de dos integrantes da comissão dormirem no chão da própria SEDUC, na esperança de decisões sobre o futuro dos alunos.

Nesse sentido, após várias reuniões, assembleias e conversas, no dia 27/03/2014 foi realizado através de um evento, a limpeza do espaço no território, onde mais tarde

seria construída a escola. Obtendo o apoio de parcerias, e da força maior que é o povo, em abril daquele mesmo ano, foi posto o primeiro tijolo para a construção do prédio, a mão de obra era composta pelas pessoas do próprio território, pais, alunos, avós, todo o povo de modo geral trabalhou na construção da escola quilombola Campo Verde. Durante sua construção, a prefeitura de Concórdia, ou qualquer outro órgão não contribuiu com absolutamente nada. A escola quilombo de Campo verde foi construída sobre o suor, lutas, financiamento, recursos e dores do seu próprio povo.

Em meio a inúmeras viagens da comissão para Belém, a causa foi ganha, o pólo da escola quilombola já estava construído, então foi protocolado o processo para efetivar a escola de fato, sob o número 776857. A prefeitura de Concórdia do Pará se recusou a assinar o processo, que foi assinado pela coordenação da ARQUINEC e a comissão que era responsável pelas viagens e resolução de todos os processos da escola.

Então, no dia 18/08/2014, foi inaugurada a escola, pelo prefeito, que mesmo sem contribuir efetivamente com a construção da escola esteve presente para assinar a autorização para a realização das aulas, assim como os representantes da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC. Os pais de todos os alunos do território e proximidades transferiram seus filhos para a escola Campo Verde, que naquele momento estava apta a lecionar para alunos de todas as séries, bem como os do ensino médio.

A raiz histórica para a construção da Escola quilombola Campo Verde é notória, conhecida até hoje como símbolo de resistência e força de um povo que muito lutou para conseguir o que já era seu, por direito. A ARQUINEC, assim como o povo, foram fundamentais para essa conquista para o território quilombola, como vemos nas palavras de Alice, uma das integrantes da comissão escolar de 2014, e atualmente diretora da escola:

Em 2014, era só o prédio e como você foi estudante via como eram as estruturas, e agora já teve muitas lutas pra ficar melhor e no nosso jeito, com nossas vozes dos nossos teóricos pintadas aí pelas paredes, com a pintura das nossas das nossas lutas, né? (ALICE, 2022).

No decorrer da entrevista, tivemos pontos bastante essenciais, marcados pela emoção, principalmente. Lembrar de todo o processo de construção da nova Escola Quilombola Campo Verde, é reviver emoções indescritíveis, esse processo foi vivido através de casos de negação, casos de racismo, discriminação, de fome, de tentativas de

atropelamentos em manifestações, várias dificuldades que nos doíam enfrentar, mas que não nos impediam.

Assim como Alice, atual diretora da escola se emocionou ao lembrar de todo essa trajetória, a própria pesquisadora desse trabalho também foi se emocionou em determinados momentos, pois relatar toda a história do “surgimento” dessa escola e seu aprimoramento é como soltar um grito de vitória, que por inúmeras vezes foi afogado, silenciado, só aqueles que estiveram verdadeiramente envolvidos nesse processo entendem a importância e força do que falamos aqui.

Hoje, olhando para trás, percebemos que tudo aquilo que passamos foi necessário para que tivéssemos uma escola em uma Comunidade Quilombola. Não foi fácil, não, na verdade quando falamos da luta do povo preto, independente de por qual motivo seja, entendemos que sempre é mais difícil, há sempre uma batalha a mais, porém quando alcançamos o que é nosso por direito, é uma sentimento mútuo de batalha vencida, para que os futuros filhos do quilombo possam usufruir desses benefícios, com qualidade, dignidade e orgulho.

Atualmente observa-se que a escola está bem mais estruturada, nas visitas recentes, foi possível observar melhorias, mais uma sala, uma cozinha melhor e etc., como retrataremos a seguir.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Quilombola Campo Verde está localizada no ramal Trans-Jutaí, na Comunidade Quilombola de Campo Verde. Atualmente a escola possui quatro salas, quatro banheiros, um refeitório, uma cozinha, uma cantina, e uma secretaria, que funciona no tele centro, anexo da associação das comunidades quilombolas. O imóvel é predominantemente de alvenaria, e possui uma pequena sala nos altos, onde ficam armazenados os documentos da escola.

Esse ano a escola realizou algumas melhorias estruturais, como na pintura, no refeitório e outros. Observamos que ela está mais bem estruturada, ou seja, que já evoluiu muito, no sentido estrutural, do que era em 2014, como podemos destacar nas imagens a seguir:



Imagem 4. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022



Imagem 5. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022



Imagem 6. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022



Imagem 7. Fonte: Acervo da pesquisa, 2022

Na atualidade atuam trinta e um funcionários na escola, incluindo todo o corpo direcional e pedagógico, agentes da secretaria, serventes e outros, sendo eles uma diretora, uma vice-diretora, duas coordenadoras pedagógicas, uma inspetora, uma secretária, quatro agentes administrativos, um digitador, seis serventes, um zelador e dois vigias. Quanto ao número de professores, estão lotados nesse ano letivo onze professores, no ensino fundamental regular e infantil, já o número de professores do estado, não temos um número exato, pois ainda é utilizado o modelo de ensino modular, o que impede de ter uma numeração exata.

Os professores, em sua grande maioria são oriundos do próprio território, alguns formados por meio da política de cotas ofertadas nas Universidades, principalmente o PSE (Processo Seletivo Especial para Indígenas e Quilombolas) que ocorre na Universidade Federal do Pará, por exemplo. Assim sendo, há aqueles que se formaram

nessa modalidade e outra parte em faculdades privadas de modalidades EAD, que existem no município.

A maioria, ou quase todos os alunos da escola quilombo de campo verde são de comunidades quilombolas da região. Grande parte desses alunos vem de ônibus escolares pelos ramais que interligam essas comunidades, outra parte vem de lancha escolar pelo rio até chegar ao ponto exato para pegar o ônibus e chegar à escola.

Após todo levantamento histórico e atual sobre a escola quilombola Campo Verde, iniciaremos a abordagem a temática principal desta pesquisa, que trata sobre a influência da cultura negra na escola retratada durante o trabalho. Para começarmos a compreender esses processos pedagógicos, precisamos entender as percepções das pessoas que projetam e desenvolvem a cultura negra dentro da escola quilombo campo verde.

4.3 - A ARQUINEC E ESCOLA QUILOMBOLA CAMPO VERDE

Para discorrer sobre a temática principal dessa pesquisa, primeiro precisamos saber que a escola da comunidade quilombola Campo Verde e a associação das comunidades quilombolas- ARQUINEC caminham juntas, ou seja, seria correto afirmar que uma depende da outra, por este motivo, antes de entrarmos no âmbito educacional quilombola, descreveremos brevemente um pouco da história do surgimento da ARQUINEC e seu papel fundamental na construção da escola quilombo Campo Verde no território.

A Associação de Remanescentes de Quilombos Novas Esperança de Concórdia do Pará - ARQUINEC surgiu a partir de um movimento chamado “círculo de cultura”, que ocorria dentro de comunidades da zona rural, com o apoio da igreja, em meados da década de oitenta/noventa. De acordo com os depoimentos dos próprios representantes da ARQUINEC, todo o movimento para reconhecer o território com quilombola começou a partir do círculo de cultura, com auxílio de membros da igreja, como relata José Francisco, presidente da ARQUINEC:

Nossa associação ela foi fundada através do padre Sérgio, com a irmã Adelaide, irmã Rosa e a dona Antonina Borges, juntamente com o Roque que era o advogado da Comissão Pastoral da Terra – CPT, naquela época e foi quando o padre Sérgio trouxe pra dentro do

território o círculo de cultura que era alfabetização de jovens e adultos e aí ele com a irmã Rosa, Antonina, irmã Adelaide eles começaram a desenvolver esse trabalho dentro das comunidades quilombola que até então no momento não eram reconhecida como comunidade quilombola. (JOSÉ FRANCISCO, 2022)

Então a partir desse movimento, foram iniciadas as pesquisas antropológicas no território, e foram encontradas evidências de que ali na comunidade campo verde viveram povoados de pessoas que foram escravizadas, fugiram e viveram ali por algum tempo, como vemos no depoimento de José:

E então daí foi feito alguns estudos esse que trouxeram trouxe os estudiosos para vim fazer o estudo antropológico dentro do território, inclusive foi feito esse estudo aqui no Campo Verde, na época no local que a era fazenda do Oscar, foi um dos primeiros locais que foi feito o estudo dentro do Território Quilombola, no ano de mil novecentos e oitenta e nove. Já foi começado a trabalhar. E daí então nós fomos, passamos tempo, anos trabalhando, conscientizando o povo, aí o povo tomou consciência da sua história de onde vinham, e aí com isso descobrimos que nós éramos pessoas descendentes de pessoas que foram escravizadas e então foi depois de mais de quase dez anos de luta aí que foi fundado a associação. (JOSÉ FRANCISCO, 2022)

Depois de mais de dez anos de estudos e lutas, foi fundada a ARQUINEC, em dois mil e um, e foi através da ARQUINEC que os territórios pertencentes à ela foram reconhecidos com quilombolas em dois mil e dez pela Fundação Cultural Palmares, por meio do Ministério da Cultura. Atualmente a ARQUINEC é composta por quatro comunidades quilombolas, sendo elas: Quilombo de Campo Verde, Quilombo de Dona, Quilombo Ipanema e Quilombo Santo Antônio, tendo a ARQUINEC como representante legal de todas elas.

Ressaltamos aqui que não tivemos acesso às documentações legais e escritas sobre a ARQUINEC, todo nosso levantamento de dados sobre a associação foi feita através de entrevistas, relatos e a experiência da própria pesquisadora, como pertencente ao território, também não temos a intenção de detalhar todos esses aspectos, pois compreendemos que para isso, precisaríamos de uma pesquisa mais aprofundada.

Quanto ao meio educacional, a ARQUINEC foi fundamental para a implantação da escola no território quilombola, sendo a principal responsável pelo financiamento das

viagens, manifestações, reuniões, assembleias e demais pontos que foram necessários para a construção da escola quilombola, como Alice, atual diretora da escola retrata:

[...] estou aqui depois que foi construído essa instituição escolar quilombola chamada Campo Verde que é o polo, se tornou um pólo depois da luta que eu e você, assim como os demais sabem das luta da Associação Arquinec junto com as comunidades foi que construímos e foi criada essa instituição pelos próprios quilombolas como você sabe, inclusive pela sua mãe, pelo seu pai e por vocês que foram pra ruas por nós, pra dar oportunidade para os filhos do Quilombo. Porque sem essa instituição, sem Arquinec, muitos não estariam aqui, não teria oportunidade de estar atuando, ter uma profissão mesmo sendo em contratos teria o diploma guardado, mas não o trabalho profissional aqui dentro, essa instituição quilombola, esse polo que ele coordena sete escolas anexas, todas quilombolas, todas dentro do quilombo, ele deu oportunidade, e vem dando oportunidade, mas precisa estudar e retornar entendeu? (ALICE, 2022)

Desse modo, compreendemos que a ARQUINEC foi fundamental para a construção e desenvolvimento da escola Quilombo Campo Verde, afinal, pelo que pudemos observar nos dados coletados, uma precisa da outra para atuar e se desenvolver dentro do território quilombola.

Diante dessa abordagem, passamos daqui em diante a discorrer sobre a temática principal desta pesquisa. A partir das compreensões a cerca da ARQUINEC, iniciamos o delineado de compreensões sobre o desenvolvimento da cultura negra dentro e sua influência dentro da escola quilombo Campo Verde.

4.4 - CULTURA NEGRA NA ESCOLA QUILOMBO CAMPO VERDE

A cultura negra é uma das maiores, se não a maior, fonte de representatividade do povo negro, retratada em diversos meios, seja artístico, culinário, educacional, estético e outros. O meio educacional, em específico, é uma das principais vertentes para obtermos conhecimento sobre a cultura negra e sua importância para nossa sociedade.

Nesse sentido, abordaremos sobre o desenvolvimento da cultura negra na escola quilombo campo verde. No pouco acesso a dados que obtivemos, buscamos compreender como é trabalhada essa cultura dentro da escola do quilombo campo verde, a partir das entrevista com a diretora da escola, assim como dois professores e

algumas manifestações do presidente da ARQUINEC, visto que a associação faz parte diretamente do ambiente educacional quilombola.

Iniciamos nossa abordagem com a entrevista com a diretora da escola, pois acreditamos que o corpo escolar seja um dos principais responsáveis pela elaboração e aprovação das metodologias pedagógicas que são desenvolvidas na escola quilombola. Na “conversa” com a diretora, observamos que a escola quilombo Campo Verde segue as rédeas que a Secretaria de Educação de Concórdia do Pará - SEMED determina, pois segundo a diretora, o currículo que é desenvolvido na escola vem da SEMED, e por este fato, precisa estar mais adequado a Educação Escolar Quilombola, como vemos no trecho a seguir:

Olha a cultura negra é importante, porém se o currículo fosse adequado no município em relação à educação escolar quilombola, incluindo a lei dez mil seiscentos e trinta e nove. Porque trabalha especificamente a nós quilombolas e os não quilombolas do município. É por isso que estamos com o núcleo que foi criado esse ano pra poder ativar o currículo no caso do município incluir a lei dez mil seiscentos e trinta e nove pra poder ser efetivamente trabalhada. A gente trabalha a cultura negra, porém ainda não está no currículo escolar. Esse cuidado ainda não é obrigatório no caso desse município. (DIRETORA DA ESCOLA, 2022)

Segundo a diretora, ainda há várias questões que precisam ser formuladas e reformuladas no sistema educacional do município de Concórdia do Pará, pois de acordo com a mesma, o currículo ainda não está atualizado com as leis 10.639 (BRASIL, 2003) e 11.645 (BRASIL, 2008), por exemplo, assim como não está com a resolução número 8º de 20 de novembro de 2012 (BRASIL, 2012) também, o que dificulta o desenvolvimento de atividades pedagógicas dentro e fora de sala de aula.

Mesmo com as dificuldades na inclusão dessas leis e resoluções no currículo do município, de acordo com a diretora, a escola, assim como todo corpo escolar fazem um esforço para desenvolver a cultura negra na escolarização da escola campo verde, que são promovidas, geralmente, por meio de projetos pedagógicos da escola:

E tem reuniões assim pra conversar com os professores, por exemplo, sobre esse trabalho, o que mais a gente faz aqui no nosso polo que nós mesmos criamos é o trabalho incentivo à educação escolar quilombola principalmente os valores das comunidades quilombolas. Os valores não só das comunidades, mas no geral, porque a sociedade exclui tudo que é preto, então a gente faz questões de fazer as apresentações nas

escolas e incentivando nas atividades pedagógica essas esses temas”.
(DIRETORA, 2022)

Desse modo, observamos através do depoimento da diretora, e análises na própria escola, que mesmo que a falta de um currículo adequado no município, a escola quilombo Campo Verde tenta desenvolver a cultura negra através de seus projetos pedagógicos, e quase sempre, em parceria com a ARQUINEC.

Segundo a direção da escola, esses projetos pedagógicos da escola são para a comunidade de modo geral, geralmente realizados quando a escola quer arrecadar algum fundo financeiro, ou para conscientizar o povo sobre seu papel na sociedade, por exemplo, além disso, esses projetos contam com a participação da comunidade e se desenvolvem através de doações do povo, da ARQUINEC, não havendo financiamento dos governos municipal, estadual ou federal. . De acordo com a diretora:

Todos os nossos projetos pedagógicos são a incentivo à cultura negra. Posso citar o nome de vários, porém vou citar de dois e dum que estamos agora eh executando com abertura amanhã. Teve um que nós fizemos o ano passado que é o “destrançando o preconceito nas escolas quilombolas” e foi executado com muito orgulho e sucesso em todas as escolas aqui na escola polo e nas anexas e agora estamos com o projeto que dá damos a abertura pedagógica amanhã pra com o objetivo de uniformizar as escolinhas e o tema desse projeto é “ninguém é tão bom quanto todos nós juntos” porque precisamos da contribuição e os valores todos tanto da comunidade escolar quilombola e não quilombola né? Pensamos por esse lado”.
(DIRETORA, 2022)

A diretora ressaltou ainda que esses são métodos para se trabalhar a cultura negra de modo superficial, junto com o esforço coletivo da direção da escola e dos professores, visto que o currículo disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação de Concórdia do Pará - SEMED, não está com as leis e resoluções inseridas, pois também observamos no relato do presidente da ARQUINEC, que mesmo com todo esforço que a escola faz para realizar esse trabalho, ainda é algo que precisa ser mais bem abordado, pesquisado, e praticado com os alunos e a comunidade em geral, como vemos na fala de José Francisco abaixo:

Olha o nosso movimento da cultura negra aqui dentro da nossa escola ele foi, é muito importante só que nesses últimos tempos todas quase as pessoas que trabalhavam essas questões inclusive alguns professores nossos que trabalhavam, não estão trabalhando a questão

da culturalidade da gente negra dentro do próprio quilombo. O nossos alunos eles são trabalhado a questão da cultura com os nossos próprios professores que são daí do Quilombo. Só que esse trabalho ele precisa ainda ser muito melhorado porque nós ainda temos alunos que ele está no ensino no Ensino Médio e não sabe sobre sua própria cultura, a gente trabalha bastante pra chegar no ponto da cultura é o vinte de novembro. Por que o vinte de novembro acontece o vinte de novembro?, por exemplo. (JOSÉ FRANCISCO, 2022)

Em sua conclusão, a diretora elucidou a necessidade de uma atualização do currículo, e que mesmo que a escola, bem como seu corpo escolar façam um esforço para realizar o trabalho com a cultura negra, é necessário acima de tudo, o cumprimento das leis, pois de acordo com a direção, apenas agora no ano de 2022 que foi implantada no município de Concórdia do Pará uma secretaria de Igualdade Racial, ao qual são e estão sendo realizadas os primeiros passos para atualizar o currículo.

Pra ser efetivada de fato, no caso aqui ela é trabalhada superficialmente. É aproveitando os saberes prévios né? Que a gente já tem e a gente não pode esperar a lei pra poder começar a trabalhar, porque a lei existe no papel e não é cumprida, né? Não por nossa parte, por aqueles que estão superior a nós, né? Já estamos com esse departamento da educação escolar quilombola nós conseguimos esse ano com a implantação da Secretaria de Igualdade Racial no município de Concórdia isso aí é o primeiro passo pra gente ir caminhando é passo lento, mas vai chegar esse belo dia. Tá. Porque já temos o departamento. Aí então o primeiro passo já foi dado. (DIRETORA, 2022)

É válido ressaltar que mesmo com alguns projetos citados durante a coleta de dados, não nos foi autorizado analisar tais projetos, assim como o PPP-Projeto Político Pedagógico da escola, mas percebemos nos depoimentos dos entrevistados que enquanto ao trabalho efetivo com a cultura negra na escola, ainda é uma temática que necessita de uma abordagem mais estruturada e significativa.

Após entrevistarmos a diretora, procuramos dois professores que atuam no quilombo, e realizamos a entrevista através do método online, por meio por aplicativo de mensagem *WhatsApp*, e descrevemos a partir daqui suas percepções a cerca da temática abordada nessa pesquisa, durante o desenvolvimento do texto, denominaremos os professores como professor 1 (P1) e professor 2 (P2), para entrarmos na conclusão do levantamento de dados.

Durante nossas “conversas” com os dois professores da escola, observamos que assim como no depoimentos dos sujeitos anteriores presentes nesse trabalho, a realidade em sala de aula é ainda mais delicada, pois mesmo com eventos realizados, falta a atualização do currículo para se trabalhar efetivamente na escola, como observamos nos depoimentos dos professores, ao perguntarmos sobre a influência da cultura negra na escola quilombo Campo Verde:

PROF. 1: Sim. Essas manifestações da cultura negra são trabalhadas através de eventos que ocorrem dentro do território quilombola. Ocorre durante todo o processo, os alunos têm que se alto reconhecer como quilombola, geralmente isso ocorre em diversas etapas tanto em séries iniciais até finalizar o ensino médio. (PROFESSOR (A) 1, 2022)

PROF. 2: Não há 100%, pois temos um mapa de priorização a seguir e ele não contém propostas voltadas a cultura negra. Existem alguns eventos que ocorrem na escola, mas em datas específicas, como o mês de novembro, por exemplo. (PROFESSOR (A) 2, 2022)

Também buscamos entender com os professores sobre como os alunos reagem mediante as propostas didáticas que são apresentadas em sala, por exemplo. E os professores destacaram o seguinte:

PROF. 1: Os alunos reagem bem por estarem dentro do território, haja vista que fazem parte da população do território. (PROFESSOR (A), 2022)

PROF. 2: Alguns não tem interesse sobre esses conhecimentos, geralmente quando se trata desse tema é visível às reações de alunos que por muitas das vezes não morar dentro do território, acreditar que não precisa aprender sobre cultura afro/negra. (PROFESSOR (A), 2022)

Um ponto interessante de abordar nas falas dos professores, foi a diferença em determinadas falas, como nas citações acima, por exemplo, visto que enquanto um relata a participação dos alunos, o outro descreve uma certa dificuldade no trabalho com os alunos, principalmente com os alunos que estudam na escola quilombola, mas não vivem dentro do território, por exemplo.

De acordo com os professores, mesmo com a escola, e a direção apresentando empenho em apresentar projetos na para o trabalho dessa temática com os alunos, ainda

faltam pontos para se aprimorar, pois a maior visibilidade para essa temática se dá no mês de novembro. Segundo os professores:

PROF. 1:A melhoria do ensino é algo que está em constante construção, haja vista que precisamos de mais visibilidade em todas as esferas sociais, mas esse é um processo que demanda tempo e planejamento, logo tais metas serão alcançadas ao longo do tempo. (PROFESSOR (A) 1, 2022)

PROF. 2:Acredito que deveria haver na BNCC propostas voltadas para esse tema, pois nós trabalhamos nas salas de aula os conteúdos propostos pela SEMED e não há nada, por exemplo para área de Geografia, voltada para a cultura negra. Deveria ser um tema abordado o ano todo, não somente no mês de novembro. (PROFESSOR (A) 2, 2022)

Os depoimentos dos professores retratam a realidade das salas de aula, não só do quilombo Campo Verde, mas de várias salas de aula espalhadas pelo nosso país. A seguir faremos nossas análises de dados, embasadas por tudo que ouvimos e observamos ao longo dessa pesquisa, e após isso nossas considerações finais, para analisarmos se nossa problemática foi respondida.

Nossa pesquisa foi bem desenvolvida, mesmo com as dificuldades nas viagens, ou com o pouco tempo de contato direto com a escola, por exemplo, pudemos observar em nossos dados coletados que a escola quilombola Campo Verde é o maior símbolo de força e resistência da comunidade Campo Verde e suas e anexas.

Quanto a temática central dessa pesquisa, em nossas análises, observações e experiência, retratamos que mesmo com todo o esforço que a escola faz, como com os projetos, eventos, e até mesmo as pinturas no prédio escolar, há além da falta de propostas didáticas voltadas para a cultura negra, também a falta de um currículo interdisciplinar e atualizado na secretaria de educação do município de Concórdia do Pará, pois segundo todos os nossos dados, a escola quilombo Campo Verde segue a risca tudo que a secretaria oferta.

Desde o início de nossas pesquisas, observamos que ainda há a dificuldade na escola para elaborar e desenvolver metodologias que trabalhem de fato com a realidade dos alunos. Em nossa primeira entrevista, com a primeira professora do território, já visualizamos que em seus depoimentos ela cita uma perda nas tradições culturais da comunidade. Na entrevista com a diretora, vemos a abordagem da cultura negra,

segundo ela, de modo superficial, pois falta uma atualização curricular no município, e para não deixar de trabalhar em nenhum momento a cultura negra na escola, são promovidos eventos e projetos com essa temática, fato que também é relatado pelo presidente da ARQUINEC. E quanto aos professores, confirmam o que já nos haviam dito, é uma dificuldade constante para o desenvolvimento dessa temática na escola, tanto pela parte do currículo oferecido pela SEMED, quanto por relutância de alguns alunos em participar de atividades e estudos a cerca dessa temática. Não podemos deixar de destacar o esforço que os membros da escola quilombo Campo Verde fazem para de uma maneira ou de outra para haver a abordagem dessa cultura, porém fazemos algumas ressalvas e questionamentos.

Tendo em vista nossa conclusão da pesquisa, entramos em discussão. Observamos que são inúmeras as dificuldades encontradas na escola quilombo Campo Verde, porém sendo uma escola quilombola, dentro de um território quilombola e conseqüentemente conhecedora de sua própria realidade, não seria necessário que a escola apresentasse propostas à SEMED envolvendo sua cultura? Ou incluir em suas propostas pedagógicas a temática da cultura negra, e atentar a secretaria de educação à dar a devida importância a temática da cultura negra? Como também retratar esse tema com mais frequência, indo além do mês de novembro? Afinal, assim como na construção da escola, não seria o “povo” o maior conhecedor de suas necessidades educacionais? Se não começarmos agora a conscientizar os alunos sobre sua história e culturalidade identitária, quem mais fará ? São inúmeros questionamentos que estão presentes desde nosso primeiro contato com a escola.

Nesse sentido entendemos que ainda há muito que fazer para a cultura negra influenciar de fato na escolarização dos sujeitos da escola Quilombo Campo Verde, nas palavras de Edgar Morin (2001), acreditamos que seria necessário fazer uma reforma de pensamento, uma reforma no ensino, pois a contrariedade é que a mente não reformada, não consegue compreender a necessidade da reforma, o que causa um impasse, por isso é necessário que haja primeiramente a “reforma do pensamento”, para que a partir de então, inicie os pensamentos para a “reforma do ensino”, pois “a reforma do ensino de levar à reforma do pensamento” (MORIN, 2001, p.20) e vice-versa.

Outro ponto interessante de abordarmos, seria a necessidade de o corpo escolar elaborar e apresentar propostas à SEMED envolvendo a realidade dos seus alunos, pois

acreditamos que ninguém conhece melhor sua realidade e carências do que as pessoas que ali vivem. É preciso segundo Morin (2001), superar a forma de pensar separadamente, a ideia de pensamento reduzido, precisa-se de mais coletividade, pois é imprescindível “conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente as partes” (MORIN, 2001, p.88).

De acordo com que observamos, a escola realiza projetos com o intuito de conscientizar sobre a cultura negra, porém, observa-se que no mês de novembro, por exemplo, em alusão à consciência negra, a temática da cultura negra é debatida e trabalhada com mais frequência na escola e nos projetos, o que também é bastante comum em todas as escolas brasileiras.

Desse modo, concluímos que a cultura negra não influencia diretamente na escolarização da escola Quilombo Campo Verde, visto que a mesma é trabalhada de modo superficial, com ênfase maior em projetos realizados em parceria com a comunidade de modo geral, mas quando passamos a observar o que é realmente trabalhado e sala de aula, de acordo com os professores, por exemplo, precisa haver uma melhoria, uma reforma nos conteúdos trabalhados no currículo.

Não estamos afirmando que a escola precisa apenas e exclusivamente trabalhar somente a Cultura Negra, mas introduzir e desenvolver com os alunos um ensino interdisciplinar, no qual o cotidiano do aluno possa estar inserido. Quando falamos sobre conhecimento, compreendemos que conhecer de tudo um pouco é essencial, todavia no caso de todo contexto histórico da população negra no Brasil, não podemos simplesmente acreditar que apenas em um único mês do ano iremos conscientizar nossos alunos sobre toda a história e papel fundamental do povo negro e sua cultura.

Nesse sentido, esperamos que com o tempo, os professores, a escola, o corpo escolar e principalmente a secretaria de educação do município de Concórdia do Pará – SEMED, possam repensar e reformular seus métodos de ensino, não esquecendo que o conhecimento sobre aqueles que contribuíram significativamente para construção desse país é fundamental, e a escola é uma das principais fontes onde o aluno pode conhecer sua história, sua realidade. A seguir faremos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender de maneira clara e reflexiva a influência da cultura negra da escolarização dos sujeitos da escola Quilombo Campo Verde, com o intuito de observarmos como a escola quilombola desenvolve sua cultura dentro do âmbito educacional. A escola Quilombo Campo Verde, é, sem dúvidas, o maior símbolo de resistência do povo quilombola. Ela, juntamente com a ARQUINEC são os pilares do quilombo Campo Verde, por toda sua história de surgimento e construção, pois retratam a força, resistência, amor e luta do povo da comunidade.

Em todos os momentos percorridos por nossa pesquisa houveram momentos significativos. Pudemos observar e conhecer toda a história do surgimento da escola no território, toda luta para que houvesse melhoria nesta mesma escola, mais adiante, também a luta da ARQUINEC, e as percepções dos professores a cerca da nossa temática principal desta pesquisa, assim como pudemos registrar a emoção de retratar pequenos fragmentos de história e memória sobre um ponto tão importante para essa comunidade, que é sua educação, que por inúmeras vezes foi, continua sendo negada, silenciada, mas que com luta, força e resistência sempre ressurgiu mais forte, através da resistência dos filhos do quilombo.

A cultura negra é a maior fonte de demonstração cultural do povo negro, do povo quilombola. Mesmo com tantas tentativas de muda-la ou exterminá-la de fato, essa cultura resistiu, continuou, se ressignificou, e hoje, mesmo que com algumas alterações, segue viva, pulsando nas veias de cada descendente daqueles que sofreram e morreram para que estivéssemos onde e como estamos hoje, e essa memória não pode ser esquecida, devemos lembrar sempre de quem somos e de onde viemos. A história não pode ser esquecida, e deve ser repassada como realmente aconteceu, pois o negro ainda é até hoje, tentado ser anulado da sociedade.

Nesse sentido, a escola quilombola é a maior responsável por ensinar sobre essa cultura para seus alunos, visto que se ela não o fizer de maneira significativa, teremos alunos desinteressados em conhecer sua própria história, sua realidade. É preciso inovar, reformar, praticar, e acima de tudo estar em sintonia com o desenvolvimento dos alunos,

só assim teremos alunos interessados em aprender, comprometidos com seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Em nossa conclusão da pesquisa, observamos que ainda há muito que ser feito para a cultura negra influenciar na escolarização dos alunos da escola Quilombo Campo Verde, porém, esperamos que tais melhorias não demorem muito a ocorrer, visto que é necessário conscientizar esses alunos o quanto antes, para que possam compreender quem são e seu papel fundamental nessa sociedade, para que quando chegarem aqui fora, saberem quem são e sentirem-se orgulhosos disso.

Portanto, apresentamos aqui vários pontos a serem observados em toda nossa pesquisa, porém destacamos que a mudança além de ser pensada, ela precisa de fato ser praticada, efetivada. Entre os principais destaques, ressaltamos a necessidade de refazer e atualizar o currículo, visto que várias vezes durante a pesquisa nos questionamos: “não é só pelo fato de a escola estar em um território quilombola que a educação desenvolvida é uma Educação Escolar Quilombola, de fato ? Ou essa representatividade cultural negra é desenvolvida só no exterior? Não seria necessário trazer essa conscientização de dentro para fora? Do interior íntimo das salas de aula, até a SEMED, até chegar aos projetos?”.

Assim sendo, enfatizamos a necessidade da reforma curricular, e quanto antes essa reforma for desenvolvida, mais rápido os alunos serão atingidos com essas melhorias, assim como toda a comunidade escolar. O currículo trabalhado nas comunidades quilombolas precisa ser interdisciplinar e atualizado, com sua elaboração sendo feita de maneira coletiva, contendo a Educação Escolar Quilombola – EEQ, no seu mais puro sentido inserido em seu núcleo, e praticado nas escolas. E com a elaboração e prática do currículo, obtermos resultados satisfatórios, nos quais ao perguntamos: “há influência da Cultura Negra na escolarização dos sujeitos da Escola Quilombo Campo Verde?”, assim como em suas anexas, vermos alunos, funcionários, corpo escolar e membros da comunidade responderem com a cabeça erguida que a cultura do povo está inserida e é o pilar de sua resistência, história e processo educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES-BRITO, Alan. **EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: desafios para o ensino de Física e Astronomia**. Plurais Revista Multidisciplinar, v.6, n.2, p. 60-80, mai./ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.2447-9373.2021.v6.n1.12204>

ALVES, M. C. S. de O. **A importância da história oral como metodologia de pesquisa**. Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal. III Encontro de Ensino de História. ISSN: 2179-5665. Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. Ituiutaba-MG, 29 de Novembro a 02 de Dezembro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

_____. Lei 11.645/08, de 10 de Março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

_____. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Define diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola na educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 nov. 2012

CARDOSO, C. E. R. S. **O Processo de Construção Identitária da Comunidade Quilombola da Barra – Rio de Contas / Bahia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Vitória da Conquista, 2014.

FARIAS, Carlos Aldemir; MENDES, Iran Abreu. **As culturas são as marcas das sociedades humanas**. In: MENDES, I. A.; FARIAS, C. A. (Org.). **Práticas socioculturais e Educação Matemática**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2014 (Col. Contextos da ciência). p. 15-48.

FERREIRA, M. R. N. **As narrativas orais e a construção de identidade na Comunidade Quilombo de Campo Verde**. Monografia (Licenciatura em Letras) –

Faculdade de Letras – Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal, Pará. p. 48, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Lições de Freire**. Artigo. R. Fac. Educ, São Paulo, v.23, n.1/2, p.13-24, jan./dez. 1997. <https://doi.org/10.1590/rfe.v23i1-2.59588>

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2003.

LOPES, D. L.& SILVA, C. S. **Parte II - Formação dos educadores do campo, Capítulo 13.A formação de professores na educação quilombola e seus desafios contemporâneos**. eds. Reflexões e práticas na formação de educadores [online]. Rio de Janeiro: Ed,UERJ, 2018, pp. 203-214. ISBN 978-85-7511-475-9. <https://doi.org/10.7476/9788575114759.0014>.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011. (Capítulo 14).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, Marciano A.; CAMARGO, Marysson J. R.; BENITTE, Anna M. C. **Quente e frio: sobre a Educação Escolar Quilombola e o Ensino de Química**. Ensino de Química em Foco. Quím. nova esc. – São Paulo-SP, BR. Vol. 43, N° 3, p. 269-280, AGOSTO, 2020.<http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160209>

SILVA, Marco Antônio; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de História: teoria e prática** / Marco Silva, Amélia Porto. – Belo Horizonte: Rona, 2012. 128 p. il.; 24 cm. ISBN: 978-85-62805-06-6

SILVA, Helder Kuiawinski da. **A Cultura Afro como norteadora da cultura brasileira**. PERSPECTIVA, Erechim. v. 38, n.144, p. 25-35, dezembro/2014